

UM ENSAIO A PARTIR DO AFORISMO 20 DA “MÍNIMA MORALIA” - STRUWWELPETER

*Tadeu Giatti**

Introdução

Compreender a dialética que norteia uma sociedade é uma tarefa ingente e que pressupõe uma sensibilidade e inteligência profundas. Poucos teóricos conseguiram uma análise com tal agucidade, especialmente no que diz respeito a textos aparentemente simples, sob a forma de aforismos que, por sua própria dinâmica interna, pressupõem um grande poder de concisão aliado a uma análise social. Theodor Adorno, em sua obra *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada*, consegue este feito. A recusa em partir do todo, trabalhando com aforismos, tem sua justificativa: em uma sociedade na qual a razão objetiva desapareceu e se transformou em pura irracionalidade, não cabe uma análise globalizante, em seu sentido estrito da realidade. Partindo dessa ideia, este ensaio pretende discutir um aforismo, o que subjaz a ele, no sentido de crítica e de conexão necessária entre o pensamento e sua expressão, não apenas a partir das considerações teóricas de Adorno sobre o tema, mas, principalmente, tomando como eixo o próprio método aforístico empregado pelo filósofo na obra a *Minima Moralia*.

A forma aforística de Adorno e sua relação polifônica com a obra de Heinrich Hoffmann

Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno nasceu em Frankfurt. Era filho de Oscar Alexander Wiesengrund um próspero negociante alemão de vinhos, de origem judaica e convertido posteriormente ao protestantismo e de Maria Barbara Calvelli-Adorno – uma cantora lírica católica italiana. Theodor passou a abreviar seu último nome, utilizando o nome de solteira de sua mãe como sobrenome (Theodor W. Adorno, ou simplesmente Theodor Adorno).

* Mestrando junto ao PPG em Educação Sociocomunitária do UNISAL, u.e. de Americana. Professor de Língua Portuguesa na rede pública do Estado de São Paulo. E-mail: tadeu_giatti@yahoo.com.br

O livro, ou melhor, a coleção de aforismos “Minima Moralia” foi composto dentro do final da II Guerra Mundial (entre os anos de 1944 e 1947), em três partes. É um livro de Filosofia escrito sob a forma de pequenas sentenças (aforismos), que retratam um mundo de coisas em poucas linhas. Ou em outras palavras, reflexões de vários temas com uma profundidade e grau de reflexão muito grande.

O conteúdo dos aforismos tem um fundo muito subjetivo, pois toma por base que cada leitor deve avaliar e refletir sobre o que leu. Dito isto, podemos dizer que o aforismo 20 nos coloca diante de um texto enigmático. A começar pelo título. Necessitamos, antes de tudo, de analisá-lo. O título *Der Struwwelpeter* ou numa tradução livre “*Pedro de cabeça chacoalhada*” faz referência a um livro escrito para crianças, em alemão, por Heinrich Hoffmann, em 1845. Este trabalho se compõe de 10 histórias ilustradas e ritmadas, principalmente sobre crianças. Cada uma delas objetiva mostrar uma clara lição de moral sobre as consequências de atos desastrados, que as crianças criam desnecessariamente. O título da primeira história abarca e dá nome ao livro como um todo. “*Struwwelpeter*”, dentro da ótica de Heinrich Hoffmann, descreve um menino que não cuida de si mesmo de maneira correta e que, conseqüentemente, é impopular entre seus pares e amigos. Com isto em mente, como ponto de partida, procuremos analisar este aforismo número vinte (20) de Adorno.

O particular como expressão da totalidade

O autor inicia o aforismo citando *Hume*, filósofo inglês (1711-1776), célebre por seu empirismo radical e seu ceticismo filosófico. Adorno extrai deste teórico um argumento pragmatista, que se liga à economia de mercado, ao lucro (capitalismo), pois este sistema econômico é eminentemente prático, vide o refrão que o representa popularmente: “Tempo é Dinheiro”. Senão vejamos esta outra passagem do aforismo: “*Se o tempo é dinheiro, parece moral poupar tempo, sobretudo o próprio, e desculpa-se tal poupança com a consideração pelos outros...*”

O verbo poupar e poupança aparecem nesta passagem. É uma ideia fixa e constante para a economia de mercado (capitalismo). Mas poupar e poupança para o bem comum ou o bem próprio? Solipsismo burguês ou benemerência? Vejamos este outro: “*Que em vez de levantar o chapéu se saúdem com um "olá" de habitual indiferença, que em vez de cartas se enviem inter office communications sem cabeçalho e sem assinatura, são outros tantos sintomas de uma enfermidade do contacto...*” Eis uma

crítica contundente ao *petit bourgeois* (pequeno burguês) que, imbuído até às entranhas da economia do mercado, não se preocupa nem em levantar o chapéu ao saudar seus semelhantes, não se preocupa em enviar cartas, mas sim comunicados mais rápidos (*inter-office communications*), que denotam uma enfermidade, aquela que quer ganhar tempo, eliminando o que seja supérfluo, desnecessário, enfim, tudo o que acarreta perda de dinheiro deve ser cortado, eliminado da vida do burguês. Mesmo que sejam os contatos pessoais não vinculados às possibilidades de usufruí-los em termos de “lucro”.

Esta outra passagem é assaz sintomática - “... o tabu de falar só de assuntos profissionais e a incapacidade de conversa recíproca são, na realidade, a mesma coisa. Porque tudo é negócio, nada de mencionar o seu nome, como acontece com a corda na casa do enforcado.” Para Adorno, o capitalismo (economia de livre mercado) conduz à alienação pessoal e social, não havendo a necessidade de se conversar. A linguagem, enquanto elemento de comunicação e com sua poética própria, é eliminada e destruída pelo capitalismo. Isto porque, tudo sendo negócio, não há porque mencionar o nome do outro, visto que o outro sendo um objeto, algo coisificado, não precisa ser alcançado pela linguagem, não tem nome, mas sim é um cifrão, um ser alienado.

Entrementes, deve-se perguntar: por que, então, o título deste aforismo é *Der Struwwelpeter*? Como aqui foi discutido, a figura do *menino mau* preconizada por Heinrich Hoffmann e que deu título ao seu trabalho, nada mais é do que o capitalista alienado, sedento de lucro e desprovido de sentimentos mínimos de civilidade, tais como tirar o chapéu para os semelhantes, conversar com os passantes, enviar cartas, manifestando o poder da linguagem escrita. Leiamos esta passagem reveladora do aforismo: ...”*Por detrás da pseudodemocrática supressão das fórmulas do trato, da cortesia antiquada, da conversação inútil e nem sequer injustificadamente suspeita de palavreado, por detrás da aparente claridade e da transparência das relações humanas que não toleram qualquer indefinição, anuncia-se a nua crueza.*” E o que seria essa nua crueza? O lucro que nada vê, nada escreve “em vão”, nada conversa, somente coisifica tudo e todos a seu redor. Em última instância, a nua crueza, que nos cerca neste mundo pós-moderno do início do século XXI.

Perorando esta análise do aforismo, o próprio Adorno declara: ...”*O sentido prático entre os homens que desaloja entre eles todo o ornamento ideológico, transformou-se em ideologia para tratar os homens como coisas.*” Adorno chega ao

ponto nevrálgico de seu trabalho – a coisificação do ser humano por outro ser humano, por ver nele fonte de lucro, de dinheiro, fruto da ideologia capitalista. Ora, não era esta a postura que nosso *Struwwelpeter*, nos contos de Hoffmann, tinha, ao ter atitudes impensadas, que geravam desconforto para os seus companheiros? Não seria chegada a hora de nossos *capitalistas struwwelpeters* repensarem esta postura coisificante e a transformarem-na nestes tempos pós-modernos?

Conclusão

A crítica à indústria cultural e ao sistema social, econômico e político vigente na época de Adorno, como processos que atuam sobre a subjetividade do ser humano no sentido de sua deformação, é feita através dos aforismos. O autor mostra, através dele, como a própria vida está fragmentada, como as atividades e relações humanas incorporaram a dominação existente enquanto tendência objetiva da sociedade e, desse modo, também a subjetividade se transforma em algo objetivo, passível de manipulação, usando a economia de mercado – capitalismo – para tanto. O que há é uma cisão por que passou a vida humana que se percebe desde então. E é nessa harmonia entre o estilo denso e um pensamento duro o suficiente para se elevar acima da realidade, tornando o trabalho, até difícil de ler, de captar seu ponto nevrálgico, o qual exige justamente uma apresentação marcante como ele, é que reside a beleza e dignidade das *Minima moralia*. Não só a crítica se mantém fiel como a denúncia da vida que sucumbe frente à totalidade do sistema econômico, mas também as formas do texto se coadunam com essa tentativa de trazer à consciência a falsidade que domina a vida.

Recebido em 02/03/2013
Aprovado em 28/05/2013

Referências

ADORNO, Theodor W. *Minima moralia*: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

HOFFMANN, Heinrich. *Struwwelpeter: Merry Stories and Funny Pictures*. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/12116> acesso em mar 2013